

## A ECONOMIA DO 3º MILÊNIO SERÁ ESPIRITUAL OU NÃO SERÁ!

*Philippe Amouroux<sup>1</sup>*

*Frente a uma globalização da economia que nos leva ao desastre, é tempo de se interrogar sobre o que representa a economia do ponto de vista espiritual. Descobre-se, então, que novas formas de economia aparecem, que seguem as leis do Coração e dos grandes princípios da Nova Era. Elas nos mostram o caminho para passar de uma economia materialista mortífera a uma economia espiritual da Vida.*

### **Hoje, a economia parece reger o mundo.**

Não são os políticos que governam: eles estão, de agora em diante, a serviço das trocas econômicas. A economia determina nossos modos de vida, nossa alimentação, nosso lazer... Ela cria nossos desejos e forja nossa cultura, isto de uma maneira cada vez mais homogênea, de um canto ao outro do planeta. Ela se globalizou para otimizar os custos e obter mais lucros aos que detêm o capital financeiro, e ela globaliza, ao mesmo tempo, o comportamento e as aspirações dos humanos.

O termo economia vem do grego *oikos* (casa) e *nomos* (leis e costumes). Se o mundo é nossa grande casa, então a economia atual está bem situada. O problema é que o mundo, que nunca floresceu tanto, jamais esteve tão próximo de uma grande catástrofe: o aumento da pobreza e do abismo entre ricos e pobres, o desemprego, o aumento sem precedentes da poluição, a destruição dos recursos naturais não renováveis, as crises financeiras regulares, os mercados financeiros não mais relacionados com a realidade das trocas, os Estados sobre-endividados e incapazes de responder às necessidades dos seus povos ... Esta economia parece caminhar sozinha, sem comando de ninguém. E a ciência econômica tradicional é bem imatura, ocupada em fazer cálculos matemáticos para nos explicar como ter êxito... na prática. Estamos tão envolvidos na nossa sociedade de consumo que, frequentemente, vivemos serenamente todas estas ameaças, que entram olhos adentro, como se elas só existissem no interior dos aparelhos de televisão.

### **Então, será que devemos retornar às origens?**

André Malraux dizia : o terceiro milênio será espiritual ou não será! Ele talvez tenha dado assim a única pista para a solução dos nossos problemas. Que casa é esta de que fala a economia? Uma casa é uma forma, um envelope no interior do qual nós vivemos. Temos nosso corpo, que é nossa própria casa; temos a casa em que vivemos, nós, com amigos ou com nossa família; temos nossa aldeia, bairro, cidade, nosso país e, enfim, nosso planeta.

Todas estas são formas em que habita a humanidade. Estas formas não são mais que o habitáculo, o modo de transporte de uma energia vital que se encarna. As formas nascem quando esta energia chega e morrem quando ela se retira. Visto sob este ângulo espiritual, a economia são as leis e costumes que regem todas as trocas energéticas entre humanos no seio destas formas sociais, destas casas em que habitam os indivíduos, os grupos, os povos...

---

<sup>1</sup> Membro da Equipe Global de Animação de ALOE – Aliança por uma Oeconomia Responsável, Plural e Solidária, e da Fundação Charles Léopold Meyer para o Progresso Humano, Paris. Escreveu este texto para publicação da Revista ALCOR, Paris, dezembro de 2005. Philippe partiu desta Terra no dia 18 de março de 2006.

E esta bela história da encarnação e da evolução, nós a conhecemos. Ela leva formas cada vez mais inteligentes, exteriorizando as qualidades mais elevadas nestas formas e traduzindo um verdadeiro desenvolvimento de uma energia espiritual, do interior para o exterior, que são trocadas com as formas de todos os reinos da natureza. Sabemos também que nesta grande aventura da evolução, se todos estes seres e sociedades que se encarnam nestas formas têm a mesma origem e finalidade, elas estão no entanto em pontos muito variados da sua caminhada. A energia UNA se encarna assim nas formas minerais, vegetais, animais e humanas. Os humanos têm um papel particular nesta história. Eles se alimentam dos reinos inferiores, encontrando fontes de energia física, alimento e reabastecimento psíquico. Isto lhes permite de se libertarem dos constrangimentos materiais e de procurarem um bem estar que lhes permite desenvolver-se nos planos mental e espiritual: eis o verdadeiro desenvolvimento!

Nesta grande aventura espiritual, a energia é feita para circular, para responder às necessidades de cada um na ótica do desenvolvimento do TODO. A energia não deve ser acumulada para o benefício de apenas alguns. Quando ela o é, deve ser para o benefício de todos.

### **Que é uma economia espiritual?**

Primeiramente, é uma economia que segue as leis da Vida, as leis do Coração; é também uma economia que encoraja a expressão das qualidades espirituais. O coração reparte a energia em função das necessidades de cada parte de um organismo vivo, qualquer que seja a sua função, tendo em vista a vida e o objetivo do organismo inteiro. Ele otimiza o uso da energia, não a desperdiça e leva a quantidade justa a cada ponto do organismo.

Da mesma forma, uma economia espiritual responde às necessidades de cada um, qualquer que seja seu grau de evolução e sua função social; ela não desperdiça o dinheiro, que é a concretização da energia no corpo social, o sangue do corpo social. Ela reparte a riqueza para um melhor desenvolvimento humano, para a superação dos condicionamentos materiais e para o desenvolvimento de formas sociais sempre mais inteligentes e belas. A economia espiritual existe para o proveito de todos. Ela não acumula o dinheiro senão para investir ao longo do tempo para o bem de todos, jamais para o proveito de apenas alguns.

Uma economia espiritual segue os princípios que, segundo o Tibetano, irão governar a Nova Era. É uma economia da Liberdade de cada um de escolher o que deseja consumir, produzir e intercambiar, respeitando a liberdade de todos e da humanidade como um todo. Isto implica obrigatoriamente na responsabilidade de cada um, no seu nível e no seu contexto de vida, pelo impacto dos seus atos sobre a vida dos outros e sobre a vida do planeta.

É também uma economia da Igualdade, não absoluta, mas na diferença e no respeito às necessidades de cada pessoa, a ponto de ser, na etapa em que cada um está da sua caminhada pessoal, uma economia que busca um fim único para todos, mas respeita a diversidade: uma economia equitativa.

Enfim, é uma economia da Fraternidade, na qual somos todos solidários em relação ao que ocorre na nossa aldeia, no nosso país, no planeta, estas formas - encerradas umas nas outras como bonecas russas - em que todos habitamos. É, portanto, uma economia da cooperação e não da competição.

### **De uma economia materialista a uma economia espiritual.**

Não há necessidade de grande demonstração para afirmar que a economia dominante atual está longe de ser uma economia espiritual. Degradando os recursos do planeta, ela é irresponsável. Ela dá a um pequeno número de ricos muito mais do que o necessário ao seu desenvolvimento espiritual e mantém uma maioria de pobres na obsessão única de sobreviver fisicamente. Ela tende a tudo globalizar e uniformizar, seja os recursos genéticos, os gostos, os modos de vida e as culturas, matando a diversidade natural das formas de expressão da vida em todos os planos. Esta uniformidade não unifica nada ... ela separa! A unidade só pode ser encontrada na diversidade, como nos mostra a ecologia e o funcionamento dos ecossistemas. A economia atual é instável porque ela não segue as leis da Vida. A Vida não é uniforme, ela é UNA... e multiforme.

Felizmente, a era do Aquário nos traz, desde há algumas décadas, as primeiras formas de uma economia espiritual. Elas permanecem ainda globalmente marginais, mas simbolizam uma renovação e estão em crescimento constante. É preciso fazer todo o possível para as encorajar e promover. Eis alguns exemplos!

A corrente do desenvolvimento sustentável encoraja as tecnologias de produção limpas, apelando para as energias renováveis.

O comércio justo, no início, consistia apenas na preocupação de respeitar as necessidades e a remuneração dos pequenos produtores agrícolas dos países pobres, esmagados pelos mecanismos do mercado. Ele se estende de maneira regular a outros produtos e integra cada vez mais critérios de respeito ao meio ambiente e aos recursos do planeta.

O consumo ético ou responsável encoraja o cidadão *consum'ator* (ou *prossumidor* = *produtor+consumidor*) a fazer escolhas que sejam boas para ele e, ao mesmo tempo, para todos os seus semelhantes.

A finança solidária dá acesso àqueles que são excluídos do acesso aos recursos financeiros do sistema bancário atual. Ela promete também o apoio às iniciativas econômicas que privilegiam o desempenho social acima do desempenho econômico.

As moedas complementares às oficiais desenvolvem-se em pequenos grupos, comunidades, regiões e mesmo países. Elas permitem praticar as trocas que reforçam essas comunidades, respondem às suas necessidades e levam em consideração os seus valores.

Em nível mais global, muitos cidadãos começam a mobilizar-se, fora das instituições sociais, para gerir a mudança. Propõem novos princípios de circulação do dinheiro (dívida externa dos Estados, mercados financeiros, reforma do sistema monetário e das instituições internacionais...), de regulação das trocas (Organização Mundial do Comércio, gestão dos bens comuns, políticas agrícolas...) e de responsabilidade social dos atores econômicos.

Estas novas formas de economia anunciam a passagem de uma economia material e materialista a uma economia espiritual. Esta obriga a reconsiderar o que é a riqueza e a maneira como a avaliamos. O nível de consciência investido no ato econômico terá um impacto direto na evolução destas novas formas. Quanto mais o desenvolvimento for espiritual, mais será sustentável.

Nesta nova era do Aquário, cada um é responsável pela evolução da economia. O poder do cidadão é criador das novas formas e pode fazer mais do que se imagina.<sup>2</sup>

Iremos assim para uma economia do estrito necessário, mas também para uma economia do desejo redescoberto de se desenvolver dentro do Ser e não do Ter, uma economia da Vida!

*Traduzido por Marcos Arruda*

---

<sup>2</sup> Referências a organismos que podem propor um compromisso concreto aos cidadãos nos domínios aqui evocados serão dados no artigo de Jean Ambert mais adiante neste número da Revista ALCOR.